

5 - José Castello

o crítico enquanto leitor comum

Mauro Souza Ventura

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VENTURA, MS. José Castello: o crítico enquanto leitor comum. In: *A crítica e o campo do jornalismo: ruptura e continuidade* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 69-90. ISBN 978-85-7983-686-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

5

JOSÉ CASTELLO: O CRÍTICO ENQUANTO LEITOR COMUM

Talvez seja pelos argumentos referidos nos capítulos iniciais deste estudo que a explicação do texto literário e a análise científica das obras artísticas têm sido, cada vez mais, encaradas com suspeita e desqualificadas como atividade secundária. Os motivos de tais reações – que envolvem também a figura do crítico – estão ligados à reivindicação da autonomia da literatura, como se esta somente comportasse explicações literárias. Outra razão repousa na ideia de transcendência da obra, de algo que não pode ser compreendido ou decifrado pelo conhecimento racional.

Esses motivos já inspiraram inúmeros libelos contra a análise “científica” da arte, como o conhecido livro de Marcel Proust, *Contra Saint-Beuve*, escrito contra os procedimentos de um dos grandes nomes da crítica francesa. Mas estão também na base das críticas publicadas por José Castello em sua coluna semanal do Suplemento *Prosa & Verso*.

Castello é um dos principais representantes da crítica jornalística na atualidade, e suas colunas carregam os traços típicos desta linhagem crítica, como a linguagem que instaura um clima de conversa com o leitor, a mistura de digressões e lembranças pessoais no texto, além de uma recusa deliberada em fazer uso de certezas e demonstrações teóricas. Tais elementos parecem fazer o texto deslocar-se para

uma conversa fiada, mas, quando menos esperamos, nos conduzem a uma chave de leitura da obra em questão. Neste ponto, o leitor já está definitivamente convencido de seus argumentos. Mais do que isso: o leitor é, com frequência, físgado, motivado a ler o livro em questão. As colunas de Castello no Caderno *Prosa & Verso* são construídas para manter uma relação bastante evidente com o leitor e esta função instrumental insere sua crítica no âmbito do jornalístico. É, portanto, de crítica jornalística que estamos falando.

Além disso, há marcas textuais que podem muito bem ser caracterizadas como as de um cronista, de um narrador que se permite escrever em primeira pessoa, como na crítica em que procura uma definição para seu ofício: “Sou um leitor sentimental. Quando leio, guio-me por sentimentos vagos, que me ficaram de leituras antigas e de impressões resistentes, e que, de alguma maneira, formam o leitor que sou” (Castello, 16/10/2010). Ou em outro trecho, na abertura de uma coluna: “Leio – tento ler, no meu jeito torto e precário de leitor solitário” (Castello, 7/5/2011, p.4). São essas características que procuraremos identificar e descrever neste capítulo.

O *corpus* da pesquisa é constituído pelos artigos de José Castello publicados em sua coluna semanal do Suplemento *Prosa & Verso*, do jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, no período de 2011 a 2013. Foram analisados um total de 114 textos, sendo 43 em 2011; 41 em 2012; e 30 em 2013.

Assim, as críticas de José Castello no Suplemento *Prosa & Verso* foram classificadas em função de determinadas recorrências e características, tais como: concentrações temáticas, posicionamentos assumidos diante das obras, escolhas de objetos críticos, critérios de julgamento, além de outros traços observados na documentação coletada. A análise do *corpus* foi precedida de um tratamento estatístico do material, a fim de identificar as recorrências e as constantes temáticas presentes em suas colunas.

Após essa etapa preliminar, efetuou-se a análise interpretativa, ou conteudística, dos dados classificados na fase anterior. Os textos críticos de José Castello, tomados aqui como dados empíricos, foram objeto de explicação e interpretação a partir dos operadores concei-

tuais oriundos do quadro teórico de referência, com o qual temos trabalhado no decorrer deste livro.

Em 2011, foram localizados e examinados um total de 43 textos de José Castello publicados em sua coluna de crítica no Suplemento *Prosa & Verso*. Desse número, 29 colunas têm como tema obras de *Ficção*; treze abordam obras de *Não ficção* e uma coluna trata de obra classificada como *Categoria não definida*; seis edições do jornal *O Globo* não puderam ser localizadas e, portanto, não estão incluídas nesse levantamento.

Das 29 colunas com temática de *Ficção*, dezoito referem-se ao gênero *Romance*, nove abordam obras de *Poesia*, e duas colunas têm como tema livros de *Contos*, sendo que uma dessas aborda, comparativamente, *Romance e Conto*. Ainda nessas 29 colunas dedicadas a obras de *Ficção*, constatamos que vinte referem-se a *Autores nacionais*; oito a *Autores estrangeiros* e uma coluna aborda um autor nacional e um estrangeiro, ao mesmo tempo.

Entre as treze colunas dedicadas a obras de *Não ficção*, nove são de *Ensaio*, dois de *Crônica*, um de *Ciência* e um de *Filosofia*. Ainda entre as colunas de *Não ficção*, dez tratam de autores estrangeiros e apenas três de autores nacionais. O quadro a seguir sintetiza os dados.

Quadro 1 – Artigos de José Castello no Suplemento *Prosa & Verso* (2011)

Categoria	Gênero	Quant.	Nac.	Estrang.	Nac. e Estrang.
Ficção	Romance	18	9	8	1
Ficção	Conto	2	2	–	–
Ficção	Poesia	9	8	1	–
Ficção	Infantil	–	–	–	–
Subtotal		29	19	9	1
Não ficção	Ensaio	9	2	7	
Não ficção	Crônica	2	1	1	

Categoria	Gênero	Quant.	Nac.	Estrang.	Nac. e Estrang.
Não ficção	Ciência	1	–	1	
Não ficção	Filosofia	1	–	1	
Subtotal		13	3	10	–
Não definida		1	–	1	
Total em 2011		43	22	20	1

Em 2012, foram localizados e examinados um total de 44 edições do Suplemento *Prosa & Verso* (oito edições do Jornal *O Globo* não puderam ser localizadas). Desse número, foram excluídas três edições, em que a coluna de José Castello não foi publicada, embora tenha havido textos do autor.¹ Assim, temos em 2012 um universo de 41 textos publicados na coluna fixa “José Castello”. Desse total, trinta colunas têm como tema obras de *Ficção*; dez abordam obras de *Não ficção* e uma coluna foi classificada como *categoria não definida*. Ao mesmo tempo, 24 colunas são dedicadas a autores *Nacionais*, enquanto que 17 colunas abordam autores *Estrangeiros*.

Das 31 colunas com temática de *Ficção*, 14 referem-se ao gênero *Romance*, nove abordam coletâneas de *Conto* e seis colunas têm como tema livros de *Poesia*. Há também uma coluna dedicada a gênero não definido e uma coluna abordando obra infantil. Entre as dez colunas dedicadas a obras de *Não ficção*, nove são de *Ensaio* e uma de *Crônica*. O quadro abaixo sintetiza os dados.

1 As três edições excluídas foram: 1) edição de 04/02/2012: dedicada integralmente aos 90 anos da Semana de Arte Moderna; Castello publicou resenha, em outro espaço do Suplemento, sobre a obra *O santeiro do Mangue*, de Oswald de Andrade; 2) edição de 30/06/2012: dedicada integralmente à cobertura da FLIP; Castello publicou resenha sobre dois livros de Francisco Dantas; 3) edição de 07/07/2012: também dedicada à cobertura da FLIP, Castello publica resenha ao livro *O Torreão*, de Jennifer Egan.

Quadro 2 – Artigos de José Castello no Suplemento *Prosa & Verso* (2012)

Categoria	Gênero	Quant.	Nacional	Estrangeiro
Ficção	Romance	14	8	6
Ficção	Conto	9	6	3
Ficção	Poesia	6	3	3
Ficção	Infantil	1	1	–
Subtotal		30	18	12
Não ficção	Ensaio	9	5	4
Não ficção	Crônica	1	1	–
Subtotal		10	6	4
Não definida		1		1
Total em 2012		41	24	17

Em 2013, foram localizados e examinados um total de trinta edições do Suplemento *Prosa & Verso* (22 edições do Jornal *O Globo* não puderam ser localizadas). Desse total, 28 colunas têm como tema obras de *Ficção* e duas abordam obras de *Não ficção*. Das 28, treze referem-se ao gênero *Romance*, doze abordam obras de *Poesia*, uma coluna tem como tema livros de *Contos*, e duas dedicam-se a obras infantis. Ainda entre essas 28 colunas dedicadas a obras de *Ficção*, constatamos que dezanove referem-se a *Autores nacionais* e nove, a *Autores estrangeiros*. As duas colunas dedicadas a obras de *Não ficção* abordam *Ensaio*, e ambas tratam de autores estrangeiros. O quadro a seguir sintetiza os dados.

Quadro 3 – Artigos de José Castello no Suplemento *Prosa & Verso* (2013)

Categoria	Gênero	Quantidade	Nacional	Estrangeiro
Ficção	Romance	13	6	7
Ficção	Conto	1	1	–

Categoria	Gênero	Quantidade	Nacional	Estrangeiro
Ficção	Poesia	12	10	2
Ficção	Infantil	2	2	–
Subtotal		28	19	9
Não ficção	Ensaio	2	–	2
Não ficção	Crônica	–		
Subtotal		2	–	2
Total em 2013		30	19	11

Movimentos de leitura na crítica de José Castello

O levantamento estatístico acima referido permite visualizar, em primeiro lugar, alguns aspectos daquilo que chamaremos de “agendamento crítico” para as colunas de Castello. Além disso, possibilita a identificação dos pressupostos conceituais e programáticos presentes nas colunas do crítico. O primeiro desses pressupostos surge a partir do seu conceito de leitura, como revela a coluna “O espírito da letra”:

O problema é que toda leitura – mesmo a mais atenta e sábia – é, sempre, uma desfiguração. Toda leitura é deformada. Para meu incômodo, voltam-me as palavras de Augusto Roa Bastos: “os livros não existem”. Na cabeça de cada leitor, um livro é sempre outro livro. O problema não está na constatação de que a letra é um abismo sobrevoado por muitos espíritos. Está em esconder isso e supor que a leitura, ao contrário, é uma pedra. Leninistas e trotskistas ainda hoje discutem a maneira “correta” de ler Karl Marx. Freudianos e lacanianos disputam a posse da “verdadeira leitura” de Sigmund Freud. Um veio fundamentalista atravessa essas divergências. Contra os adeptos da leitura dura e encrespada, em que a letra se faz grilhão, prefiro o sentido que lhe empresta a literatura, em que as

palavras traçam estradas sinuosas em que nos perdemos. (Castello, 16/04/2011, p.4)

A passagem é repleta de significação, pois identifica o método utilizado pelo leitor José Castello diante da análise de uma obra. Ao reivindicar para a leitura o estatuto de uma desfiguração ou deformação, Castello desloca o exercício analítico para o inefável, para algo que jamais poderá ser explicado. Como veremos, sua crítica conduz o leitor por estradas sinuosas, bem distantes da segurança (e das amarras) da abordagem científica da literatura. “O leitor é ele também um ficcionista. Entre um livro e quem o escreve abrem-se muitas fendas”, assevera em outro artigo (Castello, 01/01/2011, p.4).

Há, nitidamente, em Castello, uma recusa das leituras feitas pelos especialistas, ou melhor, pela chamada crítica acadêmica. A interpretação fechada e o apego ao sentido do texto decorrente da aplicação teórica são recusados insistentemente pelo crítico. Isso é evidente, por exemplo, na coluna em que escreve sobre a poesia de Rainer Maria Rilke:

É preciso chegar ao avesso da letra. A palavra não passa de uma cortina através da qual tentamos delinear a silhueta do real. Ler através: é o que nos pede a poesia de Rilke, e não a leitura rigorosa – “ao pé da letra” – feita pelos especialistas. Não ao pé, mas frente a frente: este é o desafio que ele nos propõe. (Castello, 02/06/2012, p.4)

O que dizer do trecho acima? Passados mais de meio século desde a campanha de Afrânio Coutinho em favor da crítica especializada, estamos diante de uma postura interpretativa que pode ser situada no âmbito do impressionismo crítico. As colunas de Castello deixam evidente sua filiação à vertente da crítica literária, ou, como diria George Steiner, ao velho criticismo, o mesmo que foi alvo de Coutinho e de seus seguidores, que, no decorrer do século XX, empenharam-se em dar um estatuto de cientificidade à tarefa da crítica. Mas Castello trabalha em outra órbita, como estamos procurando demonstrar nesta pesquisa.

Em outro artigo, Castello confronta os métodos da literatura e da ciência para reafirmar seus postulados críticos, em que ler é “ler de lado”:

Ler um poema é deslocar-se diante do poema. Não é ler de frente, é ler de lado. Não é decifrá-lo – olhar reto do cientista –, mas vigiá-lo – olhar transverso do poeta. Interrogar novas posições, duvidar das conhecidas, desconfiar dos sentidos imediatos. (Castello, 12/03/2011, p.4)

A literatura surge como uma máquina de interrogações, ao passo que as provas fornecidas pela ciência são apenas “uma questão de poder, e não de verdade”:

A literatura não é uma fantasia ingênua, um divertimento sem consequências. Ao contrário, ela é uma máquina de interrogar as coisas. Com suas bordas frouxas, seu olhar “de banda”, e sua inconstância, só a literatura pode desmascarar as ilusões da verdade. [...] A rigor, os instrumentos científicos não fornecem respostas ao desconhecido. O que fazem? Enquadram o desconhecido no conhecido e, assim, acreditam dominá-lo. (Castello, 05/02/2011, p.4)

Argumentos e experiências de ordem pessoal e histórias de família também informam a crítica de Castello, amarrando e sustentando seus critérios na tarefa da leitura. E nossa hipótese central é a de que esses elementos são mais relevantes para sua crítica do que razões teóricas e argumentos conceituais. Vejamos alguns casos.

Pode ser, por exemplo, um vizinho de prédio do colunista, que surge no texto como um interlocutor, como é o caso do “barbeiro aposentado que depois de velho se tornou um grande leitor”. Certo dia, ao sair pela manhã com um romance do escritor angolano Pepetela embaixo do braço, ele encontra o vizinho, que despreza a literatura, por acreditar somente nos fatos e na história.

Por isso meu vizinho despreza a literatura – e, por isso também, Pepetela entra agora em sua lista negra. Meu miserável vizi-

no acredita que escritores só se interessam pelo inútil. (Castello, 12/05/2012, p.4)

No decorrer do artigo, Castello empenha-se em demonstrar que seu vizinho – um leitor comum – está equivocado, e que a literatura não pode ser desprezada.

Histórias familiares do próprio Castello são recorrências frequentes em sua crítica e a memória funciona como uma chave para abrir caminho no mistério da obra. A coluna “O tio e o poeta” é exemplar desse método. Na abertura do texto, o leitor é informado sobre a paralisia infantil que deixou seu tio Luís Guimarães semiparalisado. Movendo-se com extrema lentidão, o tio “saía de seu quarto cinco minutos antes do almoço para que não o esperassem à mesa”. Mesmo assim, Castello explica que a paralisia do tio era “capaz de movê-lo”. Essa observação atuará como um dispositivo de leitura, já que a lembrança do tio surge no momento específico, ou seja, no meio da leitura de um livro de poemas de Luciano Trigo, intitulado *Motivo*.

Aos poucos, o leitor é conduzido para um movimento de leitura que busca aproximar a imagem do tio Luís com a do poeta Luciano.

O que movia meu tio, um homem que, contra todas as probabilidades, conservou, até sua morte, relativa autonomia? A pergunta, estranhamente, é muito parecida com outra, igualmente sem resposta: o que move um poeta (Luciano Trigo), o que o leva a, contrapondo-se à dureza do mundo, insistir em escrever versos? (Castello, 20/07/2013, p.7)

É, pois, nessa capacidade ou dificuldade de se mover que o crítico encontra seus argumentos para a leitura de um livro de poemas, traçando paralelos entre um e outro, como se o poeta escrevesse em nome do tio. Como nos diz o próprio Castello ao final de sua coluna,

esta é só a maneira que hoje leio os poemas de Luciano. É minha maneira de ler. Seus poemas me ajudam a ressuscitar um pouco meu tio querido. Poderia esperar mais da poesia? O que mais um poeta poderia me dar? (Castello, 20/07/2013, p.7)

A leitura – como Castello a concebe – parece ser uma experiência imprevisível, única, pessoal. Seus motivos, histórias, argumentos, paralelismos, alusões e conclusões não podem ser tomados como moldares, nem são transferíveis a outros críticos. Em outras palavras, seus exemplos de leitura são marcados por uma não exemplaridade tal, que os impede de serem transformados em um método. Ao mesmo tempo, sou levado a pensar que essas recorrências, observadas no decorrer de três anos de colunas, permitem-nos falar de um certo padrão. Logo, não poderiam ser configuradas num método?

Mas não haverá mesmo um método em tal procedimento, já que estão presentes em seus textos, repetem-se, incidem com regularidade em sua crítica? Outro exemplo desse viés pessoal está na coluna em que revela a doença de sua própria mãe, que sofre de Parkinson, para falar de um livro de poemas cujo tema é o envelhecimento e a morte, e cuja autora retrata o drama da mãe, que sofre de Alzheimer. Como ler este poema? A experiência pessoal é, novamente, a chave: “sei do que fala Tamara [Tamara Kamenszain, a autora] porque também eu tenho uma mãe que se perde nos corredores do Parkinson”, escreve o crítico (Castello, 20/04/2013, p.7).

O distanciamento cada vez maior provocado pela doença, que gera progressivamente uma lacuna, um vazio entre mãe e filha (retratado no livro de poemas), é também um sintoma do que se passa entre o crítico e sua mãe.

Sinto isso, cada vez mais, quando vejo minha mãe, Lucy. Quanto mais dela tento me aproximar, e quanto mais ela luta para se agarrar em mim, mais nos afastamos. Tem sido melhor, bem melhor, o silêncio. (Castello, 20/04/2013, p.7)

De modo semelhante à crítica anterior, aqui também a experiência pessoal é o referencial para a interpretação. Aqui também Castello dirá que a poesia de Tamara fala por ele. O ponto central da leitura é igualmente um ponto de identificação pessoal do crítico com a temática do Alzheimer e do Parkinson. Por fim, a constatação – frequente em Castello – de que a linguagem não consegue dar

conta do real, e que esta é uma luta “fadada ao fracasso, para agarrar a coisa. Resta-lhes a grade da linguagem. Cheia de furos, por eles escorre o que não vemos” (Castello, 13/04/2013, p.7).

Outro artigo em que a experiência pessoal é convocada para a tarefa da interpretação é “O mundo flutuante” (Castello, 13/04/2013, p.7). Aqui, o episódio do tio que desapareceu, Mário Guimarães, surge à lembrança de Castello no momento em que lê *Histórias da outra margem*, romance do japonês Nagai Kafu. O desaparecimento do tio, contado pelo crítico aos participantes de uma oficina literária (aliás, com frequência o crítico cita esta atividade em suas colunas), assim como o relato de uma participante da oficina que também teve um pai desaparecido, servirão de inspiração para a leitura do romance.

Ao relatar seu percurso de leitura, Castello conta ao leitor que, em certo momento do romance, reviu o semblante de seu tio Mário, mas não foi só isso: reviu, também, “a face branca de minha aluna enquanto relatava, aos trancos, o desaparecimento de seu pai” (Castello, 13/04/2013, p.7). Temos, pois, dois elementos extraliterários, ambos oriundos da esfera pessoal do crítico, informando e inspirando a leitura da ficção. Novamente não há referências teóricas, mas a convicção de que a própria literatura é capaz de produzir interpretações, como se fosse uma máquina.

A ficção tem o poder atordoante de arrastar consigo memórias perdidas e recordações desagradáveis. Ela é uma espécie de máquina que faz a mente se mover – e não podemos controlar a direção. (Castello, 13/04/2013, p.7)

Em outros momentos, é a lembrança do convívio com escritores que Castello utiliza como argumento inicial de seu artigo. Pode ser a convivência com João Antonio na redação do *Diário de Notícias* ou uma carta enviada por Castello a Clarice Lispector, encaminhando-lhe um conto que ele, aos vinte e poucos anos, acabara de escrever. Essas figurações do autor diante do leitor deslocam o texto de Castello para a órbita de um discurso crítico que busca estabelecer

um diálogo com o receptor. Está, pois, aqui, uma das funções que consideramos centrais do texto de Castello: o exercício de uma crítica situada numa posição intermediária entre a obra e o público. Vem daí a resistência do crítico em utilizar anteparos teóricos em suas leituras.

Deste modo, não é dimensão teórica que constrói seus argumentos críticos, mas, antes, são os elementos textuais, extraídos, em boa medida, de sua experiência de leitor, como no trecho que abre a crítica intitulada “João de bermudas”: “Todo um passado – os anos de minha formação – retorna assim que abro os Contos reunidos de João Antonio” (Castello, 17/11/2012, p.7). Não são as referências que surgem, mas é a própria vida pessoal que se manifesta, numa ativação da memória involuntária, para usarmos o conceito proustiano.

Por exemplo, no artigo em que relata o telegrama que recebeu de Clarice Lispector, Castello deixa evidente seu afastamento do conceito e da abstração, lição que aprendeu com Clarice:

Aprendi muito mais com ela do que com qualquer professor. Aprendi? A palavra não é bem essa, mas eu a uso, por me ser mais conveniente. Não há palavra que explique o que a ficção de Clarice faz com seu leitor. (Castello, 19/5/2012, p.4)

Assim como Clarice, Castello não se interessa por conceitos, pois estes “só acorrentam e calam” (Castello, 19/05/2012, p.4).

Consciente das insuficiências de todo método científico diante de seu objeto, Castello reafirma constantemente a autonomia do literário na arte da interpretação, vista aqui como pertencente à esfera do inexplicável, de algo que escapa ao conhecimento.

Quando chega ao leitor, a mensagem também continua indecifrável; por mais que tente, ele não consegue abri-la. Tudo o que lhe resta são as palavras. Ler um poema é tentar rasgar um envelope inviolável. (Castello, 22/01/2011, p.4)

Pode-se, mesmo, constatar um viés antiacadêmico na crítica de Castello, que se posiciona de modo firme na defesa de uma leitura

desarmada da obra literária. É também uma resposta contundente aos efeitos devastadores para a crítica provocados pela institucionalização da teoria literária, que buscou revestir a atividade crítica, que sempre esteve ligada a uma linhagem literária e jornalística, de uma roupagem científica e, assim, controlar o trabalho de seus praticantes. “Os acadêmicos pretendem se apropriar dos textos literários através da interpretação teórica”, escreve (Castello, 14/07/2012, p.4).

É evidente que Castello se arma para enfrentar a leitura de um texto literário, mas recorre à sua experiência de leitura e não a um arsenal de ordem teórico-metodológica. Assim, a obra ficcional assume o estatuto de chave interpretativa para a própria ficção. Que método é esse em que a ficção se transforma em ferramenta crítica? Como classificar este procedimento, senão a partir de uma suposta autonomia da literatura, como se esta somente pudesse ser interpretada à luz de explicações literárias?

Por isso, uma crônica de Rubem Braga surge como fator de explicação para um livro de poemas de Sérgio Alcides, por exemplo. Vejamos, mais uma vez, o movimento de sua leitura. Castello está lendo Rubem Braga enquanto “atravessa”, intrigado, os poemas de Alcides (*Pier*).

Poemas desafiadores, que me pediam, desde os primeiros versos, um posto de observação – um *Pier* – desde onde eu pudesse contemplá-los com mais lucidez. Eis que encontro em Braga a plataforma que buscava. Ela me aparece na crônica “O mistério da poesia”, de 1949. (Castello, 06/04/2013, p.7)

O crítico encontra no cronista, e na crônica, um referencial para a leitura da poesia. Procura demonstrar que a crônica não é um gênero menor, que veicula apenas futilidades, mas que pode comportar também argumentos de ordem interpretativa. Além de destacar elementos em comum entre a crônica de Braga (exegética?) e os poemas de Alcides, Castello se detém na falsa premissa de que os pensamentos profundos, complexos, requerem uma linguagem hermética. “Braga

deplora a crença de que, quando turvamos um pouco as águas, elas se tornam mais profundas”, escreve (Castello, 06/04/2013, p.7).

É justamente esta ideia de que o pensamento complexo está na superfície das coisas que leva Castello a recorrer à poesia de Manoel de Barros para explicar outra obra literária, desta vez o romance de Javier Cercas.

Novamente temos um movimento de leitura nada convencional, embora semelhante ao exemplo anterior. Vejamos, mais uma vez, esta maneira enviesada de leitura praticada por Castello:

Li *A velocidade da luz* em Cuiabá, onde estive para uma palestra sobre Manoel de Barros. Às vezes, parava de ler o romance de Javier para reler poemas de Manoel. Esses saltos produzem interferências – como os chiados dos velhos rádios. De alguma forma (retorcida, ela também), a voz de Manoel se infiltrou em minha leitura de Javier. Acho que o li como se fosse um poeta. Talvez ele seja um poeta. (Castello, 04/05/2013, p.7)

Uma ficção se sobrepõe à outra, a voz poética buscando iluminar o romance, as interferências de leitura tomando o lugar dos conceitos, num método que nunca deixa o leitor entrever em que direção caminha. “Temos sempre uma maneira torta de ler – e é através deste empenamento que entramos em um livro”, escreve Castello (04/05/2013, p.7).

Esta “maneira torta de ler” contamina também o ponto de vista da narrativa, caracterizada por uma voz crítica vacilante, construída mais por questionamentos do que por respostas. Castello é um crítico que não tem, e nem deseja ter, diante do leitor, o domínio pleno de suas leituras. Não se trata de um ponto de vista frágil, mas de uma reiterada recusa em assumir a posição de um crítico legislador. Aos que esperavam tal postura, o crítico responde:

Alguns leitores ainda esperam que eu faça a crítica das ficções que leio. Mas o que se passa aqui é outra coisa. Elas, sim, me interrogam e me criticam. Vão mais longe: interrogam e criticam a cena

literária que as produz e dentro da qual eu tento pensar. (Castello, 08/06/2013, p.7)

O que se passa, afinal, na crítica de Castello? Nela não se encontram certezas ou respostas prontas, resultantes da aplicação de um método. O crítico não deseja ocupar o lugar do crítico, no sentido tradicional da palavra, ou seja, do especialista. É esta autoridade legitimada que ele recusa, buscando, outrossim, legitimar-se no campo a partir de novos parâmetros. Procura, antes, envolver-se ou surpreender-se com o que lê, como no trecho a seguir, em que reproduz a opinião de uma leitora na própria coluna: “‘Que bom que você ainda se surpreende com livros’, me diz uma amiga querida. Seu comentário, sem que ela saiba disso, sintetiza o problema que venho propor a meus leitores” (Castello, 12/01/2013, p.7).

Ora, um crítico que admite publicamente que se surpreende com a leitura de uma obra é, antes, um anticrítico, que desce de seu pedestal para assumir a condição de leitor, de intérprete, no sentido de que cada interpretação é, sobretudo, uma possibilidade, entre outras. A obra é como uma partitura, em que cada intérprete produz sua versão. Castello parece levar às últimas consequências esta premissa. Para ele, ler uma obra é como empreender uma expedição na selva. “Sou um leitor. Não há um destino certo, tampouco existem placas de sinalização, acostamentos, ou mirantes. É tudo disperso e indefinido” (Castello, 19/10/2013, p.7).

Como, então, apropriar-se de um texto? Qual é o caminho crítico? Ler é tomar posse daquilo que se lê e nesse ponto até mesmo Castello concorda: “um leitor é isso: alguém que se apossa de um livro. Que faz do texto alheio, seu texto. Que nele rasga uma segunda assinatura” (Castello, 06/10/2012, p.7). Mas é no conceito de leitura que encontramos a chave para compreender o método de José Castello. Está na própria condição fraturada do leitor, que não consegue jamais decifrar o enigma da obra. A literatura é aquilo que não pode ser plenamente conhecido. Por isso, ele dirá que “todo leitor é um detetive impotente, que não chega a decifrar o enigma que tem diante de si” (Castello, 06/10/2012, p.7).

A reação à análise teórica, tão visível em suas colunas, remete-nos a uma visão da literatura como algo que se situa na esfera do incognoscível, que escapa à compreensão do analista: “todo pensamento a respeito da literatura esbarra em algo que é inerente à própria literatura: o caráter opaco do real” (Castello, 08/12/2012, p.7).

A desconfiança de José Castello no aparato teórico vem, pois, desta opacidade do mundo, que faz que a experiência estética seja irredutível ao trabalho dos conceitos. Talvez por isso a recorrência à obra e à figura de Clarice Lispector seja tão constante no crítico. “A análise literária a entediava”, escreve Castello (08/12/2012, p.7).

Recorro, aqui, a um argumento do crítico George Steiner, também ele um defensor do velho criticismo, para quem a arte possui sempre uma dimensão que não pode ser totalmente decifrada. Escreve Steiner:

Muito daquilo que é fundamental no discurso teológico, filosófico e estético, é “inanalisável”. Essa resistência à análise não representa uma refutação de seus valores de verdade nem de sua função indispensável nas prioridades geradoras da intuição. Pelo contrário. A análise pode ter chegado tarde na história da consciência, e pode mesmo haver uma espécie de consenso que deveria ser estudado com o mais escrupuloso cuidado, segundo o qual o “inanalisável” coincide (em última instância) com o trivial. (Steiner, 2003, p.131)

Ora, vem daí o desejo latente na escrita de Castello, que se observa a cada leitura; uma escrita que está a um passo de se transformar em crônica, pelo tom de conversa com o leitor, e que acaba aderindo, por opção e por convicção, à órbita do literário. Deste modo, a ficção, objeto constante de sua coluna, se transforma em sujeito na crítica de Castello. Assim, cabe perguntar se tal escrita poderia situá-lo como um crítico-escritor, nos termos formulados por Perrone-Moisés, que considera como críticos-escritores todos aqueles “que se lançam numa aventura totalmente nova, um discurso ambíguo e ambivalente, sem predominâncias nem junturas” (Per-

rone-Moisés, 1978, p.85). O discurso crítico de Castello tende para o intransitivo, não está interessado em desvendar a verdade da obra; tudo o que ele tem é a si mesmo, suas recordações, suas experiências de leitor. Talvez se possa dizer dele algo semelhante ao que Leyla Perrone-Moisés disse de Maurice Blanchot:

A obra de Blanchot é uma obra de crítica-escritura. Crítica, porque ela nos ajuda a ler outros autores. Não se pode negar a pertinência de suas observações acerca dos autores estudados, que se tornam “claros”, coerentes, a partir do texto blanchotiano. Os traços por ele recolhidos podem até mesmo ser verificados em outros corpos: aplique-se a leitura de Blanchot a Fernando Pessoa, e ela se mostrará operante. Não é esta a antiga comprovação do valor científico de uma teoria? Escritura, porque essa obra reúne tais observações num fenômeno único e irrepitível (salvo por ele próprio) de enunciação, que é o discurso denso, trágico, inconfundível, onde o escritor Blanchot prossegue seu paciente trabalho de morte. (Perrone-Moisés, 1978, p.93)

Voltemos à nossa hipótese central – a resistência de Castello à teoria como base de seu método crítico –, que transparece de modo mais radical no artigo intitulado “Borges, o desmemoriado” (Castello, 18/02/2012, p.4). Aqui, a teoria surge como uma ameaça à leitura. O crítico é classificado como alguém que pensa com a cabeça e a memória de outros. O gancho jornalístico da coluna é o lançamento de uma coletânea de contos de Jorge Luis Borges e, em especial, o conto intitulado “A memória de Shakespeare”, que relata a história de um professor que afirma possuir parte da memória de Shakespeare. Aos poucos, o professor constata que o peso da memória o massacra, tornando-o incapaz de escrever e de criar, já que perdeu a memória de si mesmo. Escreve Castello:

O relato de Borges me leva a pensar na força ameaçadora da influência. Pode ser reconfortante pensar com a cabeça (a memória) dos outros. Pode trazer brilho e aparência de grandeza. Você enche

seu pensamento de orgulho e de notas de rodapé. Você estufa o peito e se sente maior do que é. (Castello, 18/02/2012, p.4)

Da passagem acima podemos concluir que, tanto quanto a memória, a influência teórica pesa como uma ameaça e uma limitação ao trabalho do crítico. Note-se que Castello não defende nem pratica uma leitura apressada ou superficial das obras. Ao contrário, propõe uma abordagem da obra literária que seja distante tanto do resenhismo fácil, que assola a imprensa cultural na atualidade, quanto da crítica acadêmica, repleta de referências alheias e notas de rodapé. “Prefira, como Borges, fazer-se de desmemoriado e lidar com memórias falsas”, alerta-nos Castello (18/02/2012, p.4). Ou ainda nesta sentença-diagnóstico sobre o trabalho do crítico acadêmico: “Penso na memória que, transformada em tradição intelectual, pode ser vendida – ainda que, comprando-a, o sujeito se perca de si e se embrenhe no labirinto do outro” (Castello, 18/02/2012, p.4).

Quando a realidade é, ela também, uma ficção, não faz sentido ancorar o trabalho da interpretação no arcabouço (labirinto, diria Castello) de métodos e de teorias, caminho trilhado pela crítica acadêmica desde os anos 1960. A crítica de José Castello nega constantemente essa herança, ou melhor, essa memória emprestada, postíça, que “sempre fará mais o mal do que o bem”. Esta é a ética da leitura de José Castello.

O método de José Castello: algumas conclusões

Nas páginas anteriores, foram descritos e analisados alguns dos procedimentos críticos e pressupostos conceituais adotados por José Casello em seus artigos. A análise de 114 textos do jornalista, publicados entre os anos de 2011 e 2013, permitem identificar alguns dos princípios que norteiam sua atividade crítica, assim como sua posição em relação aos juízos críticos. O primeiro aspecto a ressaltar está no seu conceito de leitura, que em seus textos adquire o estatuto de uma desfiguração ou deformação, que desloca o exercício analítico

para o inefável, para algo que jamais poderá ser explicado. Em outras palavras, a crítica de Castello conduz o leitor por estradas sinuosas, bem distantes da segurança (e das amarras) da abordagem científica da literatura.

Argumentos e experiências de ordem pessoal e histórias de família também informam seu trabalho crítico, amarrando e sustentando seus critérios na tarefa da leitura. Procurou-se enfatizar que esses elementos são mais relevantes, para Castello, do que razões teóricas e argumentos conceituais. Histórias familiares do próprio autor são recorrências frequentes em sua crítica e o passado funciona como uma chave para abrir caminho no mistério da obra. Deste modo, não é a dimensão teórica que constrói seus argumentos críticos, mas, antes, são os elementos textuais, extraídos, em boa medida, de sua experiência de leitor, que informam sua crítica.

As colunas de Castello deixam evidente sua filiação à vertente da crítica literária, a mesma que foi alvo de Afrânio Continho e de seus seguidores que, no decorrer do século XX, empenharam-se em dar um estatuto de cientificidade à tarefa da crítica. Mas Castello trabalha em outra órbita, como estamos procurando demonstrar nesta pesquisa.

O crítico e jornalista concebe a leitura como uma experiência imprevisível, única, pessoal. Seus motivos, histórias, argumentos, paralelismos, alusões e conclusões não podem ser tomados como modelares, nem são transferíveis a outros críticos. Seus exemplos de leitura são marcados por uma não exemplaridade tal, que os impede de serem transformados em um método. Estaríamos diante, então, de um “método sem método”, tal qual nos fala Carpeaux, ao comentar a obra crítica de Augusto Meyer. Ao mesmo tempo, somos levados a pensar que essas recorrências, observadas ao longo de três anos de colunas, permitem-nos falar de um certo padrão. Logo, não poderiam ser configuradas num método?

Mas que método é esse em que a ficção se transforma em ferramenta crítica? Como classificar este procedimento, senão a partir de uma suposta autonomia da literatura, como se esta somente pudesse ser interpretada à luz de explicações literárias?

Mas será, portanto, inevitável que a análise científica da literatura esteja condenada a destruir a especificidade do elemento literário e a afastar os leitores do prazer da leitura? Por que tantos críticos e escritores, a exemplo de José Castello, fazem questão de proclamar a irredutibilidade da criação, esquecendo-se de que a arte também é uma forma de conhecimento?

Entre os argumentos em favor da análise crítica está o de Pierre Bourdieu, para quem tamanha resistência à análise, tanto por parte dos criadores quanto daqueles que pretendem se identificar com eles em prol de uma leitura “criativa” e não racional, na verdade omite o desejo de ver seu gênio decifrado, e isso seria uma agressão ao narcisismo do criador. Escreve Bourdieu:

O amor pela arte, como o amor, mesmo e sobretudo o mais louco, sente-se baseado em seu objeto. É para se convencer de ter razão (ou razões) para amar que recorre com tanta frequência ao comentário, essa espécie de discurso apologético que o crente dirige a si próprio e que, se tem pelo menos o efeito de redobrar sua crença, pode também despertar e chamar os outros à crença. É por isso que a análise científica, quando é capaz de trazer à luz o que torna a obra de arte necessária, ou seja, a fórmula formadora, o princípio gerador, a razão de ser, fornece à experiência artística, e ao prazer que a acompanha, sua melhor justificação, seu mais rico alimento. (Bourdieu, 2010, p.15)

Destaco da passagem dois elementos: o comentário como prova de apego (afetivo) do crítico ao seu objeto e a capacidade da análise científica para “trazer à luz” a razão de ser da experiência artística. A filiação de Bourdieu à tradição kantiana é evidente, como o demonstra a metáfora do “trazer à luz” como traço da razão crítica. Nesse sentido, a análise das colunas de José Castello permite que o situemos no extremo oposto da tradição kantiana. Para Bourdieu, por exemplo, Castello seria um “defensor do incognoscível”, pois seu propósito não seria outro senão “erguer as muralhas inacessíveis da liberdade humana contra as usurpações da ciência” (Bourdieu,

2010, p.13). Leia-se, a esse respeito, sua posição sobre a teoria literária:

Vista de longe, a teoria literária muitas vezes se assemelha a uma construção abstrata e enigmática que, em vez de aproximar-se, se afasta em velocidade de seu objeto. Isso em parte é verdade, e é justamente esse intervalo de suspeita que lhe assegura sua idoneidade e força críticas. Abstrações, conceitos, sistemas teóricos podem funcionar, contudo, como armaduras com que pensadores se defendem de poemas e ficções. (Castello, 30/04/2011, p.4)

A passagem é reveladora dos princípios que norteiam a atividade crítica de Castello, assim como sua posição em relação aos juízos críticos. Os sistemas teóricos são armaduras, mecanismos de defesa, e a crítica somente adquire idoneidade se admitir que está situada num intervalo de suspeita. Há nessa passagem uma evidente relativização da força da atividade crítica no processo de interpretação de uma obra. Mais adiante, ele completa: “não só a crítica tem muito a dizer a respeito da ficção; a ficção também tem muito a dizer a respeito da crítica” (Castello, 30/04/2011, p.4). Assim, crítica e arte situam-se no mesmo patamar; sua existência está sustentada por uma fragilidade de origem.

Demarcado, portanto, o posicionamento de José Castello em relação à instância da crítica, cabe, por fim, delimitar seu lugar de fala: para ele, o crítico precisa ser um leitor comum, sem armaduras, sem anteparos.

O leitor comum lê mais por prazer do que por conhecimento. Guia-o o instinto de criar para si mesmo alguma forma íntima de plenitude – o desejo de encontrar o objeto que lhe falta. [...] Como se pauta pelo prazer, e não pelo protocolo, o leitor comum lê mais desarmado, e por isso o texto algumas vezes lhe rasga a alma e o derruba. (Castello, 25/01/2011)

O que se passa, afinal, na crítica de Castello? Nela não se encontram certezas ou respostas prontas, resultantes da aplicação de um

método. O crítico não deseja ocupar o lugar do crítico, no sentido tradicional da palavra, ou seja, do especialista. É esta autoridade legitimada que ele recusa, buscando, isto sim, legitimar-se no campo a partir de novos parâmetros.

Observa-se, assim, uma recusa das leituras feitas pelos especialistas, ou melhor, pela chamada crítica acadêmica. A interpretação fechada e o apego ao sentido do texto decorrente da aplicação teórica são recusados insistentemente pelo crítico em suas colunas.

Este lugar de fala bem definido assinala a distância de José Castello em relação à crítica acadêmica, situando sua coluna no âmbito da crítica de linhagem jornalística, pois interessa-lhe sobretudo a comunicação com o leitor, que é, por sua vez, a marca que caracteriza os mediadores. Ao mesmo tempo, o compromisso de Castello com esse leitor o mantém distante do jargão especializado, que, como afirma Edward Said (2007), costuma deixar de fora camadas consideráveis de público, e cujos riscos, no âmbito das humanidades e de uma cultura generalista, dentro e fora da universidade, são hoje evidentes.